

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM NOVO OLHAR PARA OS ESTUDOS DA LÍNGUA A PARTIR DA REALIDADE DE ESPINOSA-MG

Patrícia de Carvalho Pires (UESB)

patycpires@hotmail.com

Luana Aparecida Matos Leal Fernandes (IFNMG)

luamatosleal@gmail.com

Jemya Donato Pereira (UNIMONTES)

jemyadonato@hotmail.com

Vanessa Marques da Silva (UNIMONTES)

vanessa12m69@gmail.com

Sheila da Silva (UNIMONTES)

she4142@gmail.com

RESUMO

O Português Brasileiro – reflexo de uma sociedade heterogênea – é uma língua que está à mercê de fatores internos e externos, os quais permitem o surgimento de fenômenos da linguagem, relacionados à variação e à mudança do sistema linguístico. Diante disso, o presente trabalho tem como objeto de análise a Variação Linguística, a qual é inerente à realidade dos falantes brasileiros. Dessa forma, cientes de que o estudo da linguagem é fundamental para a aprendizagem do aluno e para sua formação enquanto cidadão, objetivamos (i) verificar como a variação e a mudança linguística são abordadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); (ii) identificar e analisar como esses fenômenos são propostos pelos livros didáticos *Tecendo Linguagens/Língua Portuguesa*, do Ensino Fundamental dos anos finais, adotados pelas Escolas Estaduais da cidade de Espinosa – Minas Gerais; (iii) Refletir como os professores desse município apresentam aos alunos a realidade heterogênea da língua, especificamente a diversidade linguística do Português Brasileiro. Para isso, selecionamos como *corpora* da pesquisa: a versão homologada da BNCC (BRASIL, 2017); a coleção do livro *Tecendo Linguagens/Língua Portuguesa* (OLIVEIRA; ARAUJO, 2018); e as entrevistas realizadas com os professores da Educação Básica do referido município. Para a realização desta investigação, apropriamo-nos dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, com respaldos em estudos realizados por (WEIRENRECH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e (LABOV, 2008 [1972]).

Palavras-chave:

BNCC. Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese – a reflection of a heterogeneous society – is a language that is at the mercy of internal and external factors, which allow the emergence of language phenomena related to variation and change in the linguistic system. Therefore, this work has as its object of analysis the Linguistic Variation, which is inherent to the

reality of Brazilian speakers. Thus, aware that the study of language is fundamental for the student's learning and for his education as a citizen, we aim to (i) verify how linguistic variation and change are addressed in the Common National Curriculum Base (BNCC); (ii) identify and analyze how these phenomena are proposed by the textbooks *Weaving Linguagens/Language Portuguesa*, from the Elementary School of the final years, adopted by State Schools in the city of Espinosa – Minas Gerais; (iii) To reflect on how teachers in this municipality present students with the heterogeneous reality of the language, specifically the linguistic diversity of Brazilian Portuguese. For this, we selected as the research corpora: the approved version of the BNCC (BRASIL, 2017); the collection of the book *Weaving Linguagens/Language Portuguesa* (OLIVEIRA; ARAUJO, 2018); and the interviews carried out with teachers of Basic Education in that municipality. To carry out this investigation, we appropriated the theoretical assumptions of Sociolinguistics, supported by studies carried out by (WEIRENRECH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) and (LABOV, 2008 [1972]).

Keywords:

BNCC. Linguistic Variation. Portuguese language teaching.

1. Introdução

Ao longo dos anos, reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa são levantadas e discutidas entre estudiosos da língua. Com o objetivo de implementar uma metodologia produtiva no ensino de Língua Portuguesa, propostas que visam a considerar o contexto de uso como fator determinante para a compreensão do funcionamento da língua têm sido sinalizadas em documentos normatizadores (PCNs e, atualmente, BNCC), em livros didáticos e em metodologias usadas pelos professores em sala de aula.

Diante disso, alinhados aos estudos da Sociolinguística Laboviana, os quais consideram a relação linguagem e sociedade como fator a ser considerado para o desenvolvimento da aprendizagem e da formação do estudante, o presente trabalho tem como objeto de análise a variação linguística e objetiva compreender o estudo da língua a partir da realidade de Espinosa-MG. Para isso, verificamos, inicialmente, como a variação e a mudança linguística são abordadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017); em seguida, identificamos e analisamos como esses fenômenos são propostos pelos livros didáticos *Tecendo Linguagens/Língua Portuguesa* (OLIVEIRA; ARAUJO, 2018), do Ensino Fundamental dos anos finais, adotados pelas Escolas Estaduais da cidade de Espinosa – Minas Gerais e, por fim, refletimos sobre a percepção e práticas pedagógicas usadas, pelos professores desse município, para apresentar aos alunos a realidade heterogênea do Português Brasileiro.

2. *Ensino e variação linguística*

Durante muito tempo, com o objetivo de desenvolver o que era considerado como uma boa leitura e uma boa escrita, o ensino de Língua Portuguesa se limitava apenas a um único caminho: apresentar as questões gramaticais e os conjuntos de regras disponibilizadas nos livros didáticos e nas gramáticas normativas. Essa metodologia ainda está presente nas aulas de Língua Portuguesa, entretanto vem sendo questionada e discutida, pelos estudiosos da língua, por ser considerada – por muitos professores e instituições da Educação Básica – única estratégia no processo de aprendizagem do aluno e de sua formação enquanto cidadão.

Diante dessa realidade, os estudiosos da língua em uso destacam que o ensino da Língua Portuguesa restrito apenas ao uso da norma-padrão – sem contextualizá-la à realidade linguística brasileira – tende a desprestigiara variação linguística, de forma que – segundo Faraco (2020), passa a ser classificada como traço de inferioridade intelectual e social dos usuários que a utilizam. Em outras palavras, expor o padrão culto da língua como única variedade a ser usada reforça a intolerância linguística, gerando o preconceito e a discriminação – em relação à linguagem do outro –, que são evidenciados por “um não-gostar, um achar-feio ou achar-errado um uso ou uma língua (...)” (LEITE, 2008, p. 24-5).

Dessa maneira, os estudos da linguagem, que pretendem romper com a ideia de que a variação representa erro e desvio linguístico, propõem reconhecer a diversidade como característica linguística da fala dos falantes brasileiros. Sobre isso, Alkmim (2012) salienta que

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil [...] (ALKMIM, 2012, p. 35)

Conforme Alkmim (2012), a língua portuguesa se constitui dos diferentes modos de falar do povo brasileiro, refletindo, assim, a realidade de um país miscigenado. Sob essa perspectiva, Labov (2008 [1972]) afirma que não é possível estudar a língua sem considerar sua relação com o sujeito, ou seja, não é possível desenvolver as competências linguísticas e discursivas sem considerar o falante e o contexto social a que pertence.

Posto isso, a proposta dos estudos sociolinguísticos sobre a variação linguística visa a romper a dicotomia do certo e do errado e promover a reflexão – por meio dos estudos da linguagem – de que as variedades da língua expõem a identidade dos indivíduos, revelando os aspectos históricos, socioeconômicos e culturais em que estão inseridos.

Oportuno ressaltarmos a importância de os professores reconhecerem a heterogeneidade da Língua Portuguesa Brasileira, uma vez que esse olhar permite lançar mão de uma perspectiva enraizada de que “(...) é errado todo uso da linguagem que esteja fora dos padrões linguísticos estabelecidos como ideais” (MENDONÇA, 2012, p. 275). A respeito disso, importante destacarmos que a perspectiva que visa ao reconhecimento e à valorização da diversidade da língua não consiste em excluir a norma de referência, pelo contrário, reconhece a importância de promover o ensino da norma-padrão relacionando-o ao português falado no país. Nesse sentido, ao compreender a diversidade linguística, o docente torna-se capaz de adotar uma postura reflexiva que possibilite promover práticas pedagógicas que direcionam a um “[...]ensino cada vez mais efetivo e menos segregador” (COELHO *et al.*, 2010, p. 7).

Vale salientarmos que, apesar das propostas nos documentos norteadores sobre as variedades da língua, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que as escolas brasileiras ainda não dão a devida atenção à diversidade linguística, e Bagno (2007; 2013) salienta que a variação da língua no ensino de Língua Portuguesa é invisibilizada ou silenciada, não sendo vista como prioridade na prática docente. Assim, percebemos que as propostas em sala de aula ainda mantêm a visão de que a gramática normativa seja o centro das aulas de Língua Portuguesa, expondo, dessa maneira, a dificuldade e o desafio de implementar uma nova metodologia de ensino que seja capaz de desenvolver nos discentes as habilidades linguísticas (leitura, interpretação e produção) e uma visão perceptiva, crítica e reflexiva.

3. *Sociolinguística variacionista: um olhar para a variação linguística*

Um novo olhar sobre os estudos da língua – lançado pela perspectiva Sociolinguística – considera os fenômenos da variação e da mudança linguística traços pertencentes à fala do indivíduo, a qual se materializa – em um processo discursivo - sob a influência dos fatores internos da língua, os quais se ocupam a semântica, a sintaxe, a morfologia e a fonologia, e dos fatores externos da língua, isto é, dos aspectos históricos,

sociais, culturais, econômicos e situacionais em que os usuários da língua estão inseridos (WEIRENRECH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Diante disso, destacamos que a proposta laboviana visa analisar, descrever e compreender os fenômenos linguísticos presentes na fala dos indivíduos em situações reais de uso. Essa percepção revela que a relação entre língua, indivíduo e sociedade é a premissa que protagoniza os estudos da Sociolinguística Variacionista.

Dessa maneira, a variação e mudança – motivadas por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos – expõem o caráter adaptativo e flexível do sistema linguístico, o qual é utilizado pelo homem em situações comunicativas naturais e espontâneas. Ancorados a essa percepção, reiteramos que os fenômenos da língua surgem das pressões de uso e, por isso, não podem ser compreendidos fora da vida social da comunidade em que ela se produz (CEZÁRIO; VOTRE, 2018).

4. Os corpora da pesquisa e os procedimentos metodológicos

Com o objetivo de compreendermos como a variação e mudança linguística são tratadas pelos professores de Língua Portuguesa da cidade de Espinosa-MG, consideramos, *a priori* analisar os documentos norteadores, BNCC (2017) e as propostas dos livros didáticos adotados pelo referido município; em seguida, buscamos refletir como os docentes que atuam na cidade de Espinosa compreendem, abordam e orientam a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Diante do que foi discorrido sobre os *corpora* da pesquisa, ressaltamos que a presente pesquisa é qualitativa e que as amostras em análise foram observadas sob as premissas teóricas da Sociolinguística Laboviana. Dessa maneira, nas próximas subseções, discorreremos, de maneira breve, sobre os documentos adotados para realização dos estudos.

4.1. BNCC e variação linguística

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento de âmbito nacional que serve como referência para a adequação e formulação de currículos das redes públicas e privadas. Orientada pelos “(...) princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”

(BRASIL, 2017, p. 7), a Base propõe desenvolver habilidades e competências de aprendizagens ao longo da Educação Básica.

Diante de tal proposta, notamos a iniciativa de uma reformulação para o ensino, de modo que - segundo o próprio documento de referência- assegurem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Nesse sentido, a Base se constitui com o propósito de desenvolver competências, habilidades, atitudes e valores que possibilitam o exercício da cidadania, preparando o estudante para mundo do trabalho (BRASIL, 2017).

Buscando compreender, portanto, como a variação da língua é percebida e apresentada no documento de referência, verificamos, inicialmente, as competências que norteiam a área de conhecimento Língua e o componente curricular: Língua Portuguesa.

Quadro 1.

Área de Linguagens: Língua Portuguesa
Competências específicas de linguagens para o ensino fundamental
1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Fonte: Brasil (2017, p. 65).

Conforme o Quadro 1, notamos que o documento apresenta a relação entre língua e sociedade, uma vez que reconhece a linguagem como uma instituição que carrega traços históricos, sociais e culturais da sociedade. Nesse sentido, é possível notarmos o alinhamento da competência 1 ao que se propõe Labov (2008 [1972]): estudar a língua, considerando sua relação com os aspectos sociais.

Em diálogo com a competência da área de Linguagens, no Quadro 2, observamos as competências que devem ser desenvolvidas nos estudos de Língua Portuguesa:

Quadro 2.

Competências específicas de Língua Portuguesa
1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

Fonte: Brasil (2017, p. 87).

Alinhados às competências mencionadas, a seção intitulada: “Língua Portuguesa” destaca que é importante considerar a diversidade cultural, uma vez que se estima que

[...] mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BRASIL, 2017, p. 70)

Nesse sentido, ressaltamos que, *a priori*, o documento – ancorados nas reflexões sociolinguísticas – lança um olhar para as variedades da língua, considerando-as como característica de uma sociedade miscigenada, destacando, inclusive, a diversidade como patrimônio linguístico e cultural da sociedade brasileira.

Perante o exposto, na sequência, na seção 4.1.1.2. Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Finais da BNCC, analisamos como as habilidades relacionadas à variação linguística são evidenciadas.

Quadro 3.

Língua Portuguesa – 6º ao 9º ano – Todos os campos de atuação.	
Objeto de Conhecimento	Habilidades
Variação Linguística	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Brasil (2017, p. 161).

Nesta seção, o objeto do conhecimento a ser trabalhado é a variação linguística, e as habilidades a serem desenvolvidas propõem, respectivamente, reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão, o preconceito linguístico e o uso consciente e reflexivo da norma - padrão (BNCC, 2017).

Notamos, a partir das habilidades mencionadas, que o assunto variação linguística aparece, inicialmente, associado (i) à língua falada, pressupondo que há fenômenos da variação apenas nessa modalidade comunicativa, (ii) ao ensino da norma-padrão, reduzindo os estudos da variação a uma análise comparativa entre variação e norma-padrão e (iii) ao preconceito linguístico. Posteriormente, a habilidade a ser desenvolvi-

da pretense reconhecer a variação, abordando (iv) o uso consciente da norma-padrão preconizada nas gramáticas normativas. Assim, o objeto de estudo (variação linguística) deixa de ser tema principal para discussões em sala de aula, dando espaço a análise comparativa entre norma-padrão e variedade linguística.

Diante disso, as habilidades propostas mostram que o espaço da variação atende o que está previsto na gramática normativa, contrastando, desse modo, as orientações presentes nas competências específicas da área de Linguagens e do componente de Língua Portuguesa, os quais determinam o reconhecimento e a compreensão dos fenômenos da língua como marca sócio-histórica e cultural da sociedade em que está inserido.

Em seguida, na seção dos anos finais, 8º e 9º anos, apresentamos as habilidades que se referem à variação linguística no português brasileiro. Oportuno destacarmos que a variação não aparece nas seções específicas do 6º e 7º ano e que a habilidade a ser analisada é específica do 9º ano.

Quadro 4.

Língua Portuguesa – 9º ano – Todos os campos de atuação.	
Objeto de conhecimento	Habilidades
Morfossintaxe	(EF09LP07) Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.
Coesão	(EF09LP10) Comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial.

Fonte: Brasil (2017, p. 189; 191).

A partir dos objetos de conhecimento tratados, observamos que as habilidades a serem desenvolvidas sugerem comparar as formas padrão e não-padrão da língua, ou seja, objetiva-se expor a diferença entre o formal e o coloquial, além disso, o documento delimita o coloquialismo à modalidade oral, sugerindo, assim, a classificação dicotômica, segundo Faraco (2020), de que o padrão se refere a escrita enquanto não-padrão, a oralidade. Apesar de a Base mencionar que a variação linguística pode ser observada em todos os níveis, uma vez que é condicionada por fatores internos e externos do sistema linguístico, os objetos de conhecimentos e as habilidades propostas não dialogam com tal perspectiva, mostrando-nos que os estudos da língua ainda inclinam às perspectivas normativas.

Prosseguindo na análise dos objetos de conhecimento e das habilidades referentes à variação da língua, observamos o Quadro 5 a seguir.

Quadro 5

Língua Portuguesa – 9º ano – Todos os campos de atuação.	
Objeto de conhecimento	Habilidades
Variação Linguística	(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

Fonte: BNCC (2017, p. 191).

Na mesma seção do 8º e 9º ano, propõe-se a variação linguística como um objeto de conhecimento, que objetiva – em sua habilidade – identificar estrangeirismos inseridos na língua portuguesa. Essa habilidade permite perceber os fenômenos que surgem a partir das palavras estrangeiras inseridas em nosso idioma e compreender que os empréstimos linguísticos motivam e, assim, fazem ou começam a fazer parte da variação, da mudança e da renovação da língua sem que o sistema linguístico seja violado.

Diante da análise realizada sobre a maneira que a Base aborda a variação linguística, notamos que, apesar de a variação linguística ser mencionada – nas seções: apresentação, competências específicas da área e do componente – como fenômeno inerentes ao contexto sócio-histórico-cultural e identidade de uma sociedade heterogênea (Cf. BNCC, 2017), reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem, ao longo do documento essa proposta não se concretiza.

4.2. Livros didáticos: atividades sobre a variação linguística

O livro didático é uma ferramenta de suma importância na prática pedagógica, uma vez que orienta e auxilia professores no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de não ser o único, o livro didático, ainda, é o suporte mais utilizado em sala de aula, inclusive na Educação Básica de escolas públicas das redes Municipais e Estaduais.

Normalmente, esse suporte é elaborado de acordo com o que é previsto nos documentos de referência. Dessa maneira, propomo-nos verificar e analisar se os livros didáticos do Ensino Fundamental II adotados pelas Escolas Estaduais do município de Espinosa-MG abor-

dam a variação linguística de acordo com as propostas do documento norteador.

Desse modo, observamos que no livro do 6º, a primeira abordagem sobre variação linguística está na unidade 2, do capítulo 3, da página 88. A atividade propõe apresentar as variedades linguísticas: formal e informal. Para isso, apresenta um enunciado, retirado de uma crônica, em que a concordância não está de acordo com as regras gramaticais: “A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito.” A partir desse enunciado, são apresentados três questionamentos: (i) se a construção do enunciado está de acordo com a norma gramatical; (ii) se esse tipo de construção pode aparecer nas falas das pessoas quando se comunicam; e (iii) qual o motivo de um enunciado ser construído dessa forma. Para a primeira pergunta, a resposta é negativa, apresentando em seguida uma construção consoante a proposta normativa de concordância, o que evidencia a comparação entre o uso padrão em não padrão da língua, atendendo, assim, à habilidade (EF69LP55) prevista na Base.

Em relação à segunda questão, sugere-se que o professor acolha as respostas dos alunos. Para essa pergunta, há um box de orientação intitulado “Reflexão sobre o uso da língua: variedades linguísticas” que orienta o professor a explicar sobre as duas formas de construção linguística, a que se constrói de acordo com a norma-padrão da língua; e aquela que não atende às regras impostas pela gramática normativa. Apesar de haver orientação para que o professor exponha, para a terceira questão, que as variedades da língua estão atreladas às questões sociais e culturais de uma sociedade, a proposta de atividade implementada no livro, por si só, não leva o aluno a refletir, conforme previsto nas competências da área de Linguagens e de Língua Portuguesa, sobre a heterogeneidade da língua como marca de uma sociedade diversificada e perpetua a ideia da variação presente na modalidade falada, reconhecendo a escrita como uma forma padronizada do idioma e desconhecendo, assim, a correlação do uso da língua a contextos e gêneros específicos.

Outra questão sobre o fenômeno da língua, proposta na página 89, está relacionada à adequação linguística. Antes da questão, é disponibilizado um quadro que conceitua a linguagem formal e não formal. Após a definição comparativa, propõe-se, por meio de uma charge, identificar a linguagem empregada pelos personagens, em seguida, pergunta se a maneira de falar dos personagens são apropriadas para

esse tipo de situação comunicativa. Há um boxe que orienta a atuação do docente para explorar a proposta de atividade, nele sugere a explicação de que a linguagem é múltipla e variada, o que permite adequá-la ao contexto em que o falante está inserido. Observamos que, apesar de os blocos destinados à orientação buscarem alinhar-se às propostas previstas pelos estudos sociolinguísticos e pelas competências previstas no documento norteador, as propostas de atividades tratam, apenas, em identificar a variação e compará-la à norma-padrão, o que reduz as possibilidades de refletir sobre a língua e seus fenômenos.

Na unidade 4, capítulo 7, nas páginas 199, 210 e 219, os autores propõem uma abordagem ao gênero textual “causo”. A atividade tem como ponto de partida, os textos: “Dois caboclos na enfermaria; “A-quele animal estranho” e o “Boi zebu e as formigas”, respectivamente. As questões relacionadas, nessas atividades, à variação da língua limitam-se à dimensão externa da língua, uma vez que aborda a variação regional (geográfica ou diatópica). De acordo com o livro, as habilidades desenvolvidas relacionadas à variação buscam reconhecer as variedades da língua falada e o preconceito linguístico (EF69LP55). Entretanto, algumas questões relacionam o humor – presente no gênero causo – à maneira de falar do personagem, gerando um estereótipo de que o falar caipira dos falantes rurais serve para provocar riso, uma vez que os falantes falam engraçado, o que pode promover, a depender da abordagem do professor sobre essa temática, a discriminação linguística em vez da reflexão sobre a diversidade da língua.

Por sua vez, na análise do livro do 7º ano, a primeira menção feita ao assunto variação linguística ocorre na unidade 3, capítulo 5, na página 176. Na seção “Linguagem do texto”, a atividade direcionada à variação aborda a variação regional a partir do conto: “Os dois pequenos e a bruxa”. Propõe-se, nessa atividade, identificar as marcas textuais que reconhecem que o texto foi escrito em português de Portugal, propondo expor as diferenças entre a língua portuguesa de Portugal e a do Brasil. Na unidade 4, capítulo 6, nas páginas 231 a 233, apesar de o objeto de conhecimento não ser a variação, a atividade disponibilizada menciona o uso da linguagem informal relacionada a identificar em que suporte a informalidade circula e o motivo de usar esse tipo de variedade dentro do gênero: carta de reclamação, mesmo com questões destinadas à informalidade, as habilidades a serem desenvolvidas não estão relacionadas ao uso da língua.

No livro do 8º ano, o objeto de conhecimento a ser trabalhado na unidade 2, capítulo 3, na página 87 refere-se ao gênero: Poema de cordel. Com o objetivo de apresentar as características desse gênero, é apresentado um quadro que aborda dois tipos de variação (geográfica e social). Assim, apesar de mencionar dois tipos de variação, a habilidade não está relacionada à diversidade da língua.

Por fim, no livro do 9º ano, o objeto de conhecimento é a construção de uma crônica. Para essa proposta, apresentada na unidade 3, capítulo 6, página 178, propõe-se trabalhar o preconceito linguístico. Entretanto, vale dizermos que a atividade direciona apenas para a realização de uma pesquisa sobre a temática sugerida. Assim, oportuno destacarmos que, apesar de o assunto apresentado está associado aos fenômenos de variação da língua, as competências e habilidades a serem desenvolvidas não sugerem levar os alunos a refletirem sobre o preconceito linguístico e conscientizá-los a romper com a prática discriminatória, ou seja, as habilidades a serem desenvolvidas buscam exercitar a curiosidade intelectual, compreender e usar as tecnologias digitais de informação (Cf. BNCC, 2017).

Diante das análises, notamos que a variação linguística é considerada – em suas competências – de grande relevância, uma vez que se propõe “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BNCC, 2017, p. 65). Contudo, após a análise desses documentos norteadores, constatamos que o fenômeno linguístico em estudo ocupa pouco espaço dentro da organização das habilidades do documento oficial e do material didático, o que mostra a grande dificuldade e o desafio em apresentar os fenômenos da variação no ensino de Língua Portuguesa.

4.3. Entrevistas:

A atuação do professor em sala de aula é fundamental no processo de ensino–aprendizagem, visto que exerce a função de transmitir conhecimentos e promover uma formação autônoma, reflexiva e crítica. Dessa forma, o conhecimento e as práticas metodológicas adotadas pelo docente contribuem para uma educação formadora, garantindo, assim, o direito de aprendizagem e desenvolvimento do aluno (Cf. BNCC, 2017).

Diante disso, destacamos, inclusive, que o ensino de Língua Portuguesa é essencial, uma vez que servirá de base nesse processo de formação do aluno. Assim, para refletir como os professores do município de Espinosa-MG apresentam aos alunos a Língua Portuguesa, especificamente, a realidade heterogênea da língua, elaboramos questionamentos para a entrevista escrita, a qual é constituída por sete (7) questões, dentre as sete (7), quatro (4) subjetivas (abertas) e três (3) objetivas (fechadas). Para tanto, as entrevistas foram enviadas a oito professores com formação em Letras/ Português, atuantes no Ensino Fundamental II em escolas públicas do referido município.

4.3.1. Processo de ensino aprendizagem: atuação e reflexão

Em relação à metodologia aplicada em sala de aula para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita compreensão e interpretação, 12,5% afirmaram – de maneira generalizada – utilizar “de vários recursos possíveis para oportunizar a aprendizagem do aluno”; 25% disseram fazer uso do livro didático, dos materiais impressos, dos objetos disponibilizados em sala e de alguns recursos tecnológicos; 62,5% destacaram que, além das ferramentas tecnológicas e das mídias digitais, fazem uso do Plano de Estudo Tutorado (PET)¹, dos livros didáticos e de diversos tipos de gêneros textuais; afirmaram, ainda, que desenvolvem projetos de leitura, expondo os textos literários.

Diante do exposto, inferimos que há professores que consideram os materiais didáticos e os instrumentos tecnológicos como base para desenvolver as habilidades mencionadas, enquanto outros desenvolvem métodos com base nas perspectivas sociointeracionista, mostrando utilizar o texto como base para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, interpretação e compreensão textual.

Ao serem questionados sobre a eficácia da metodologia que se limitava à gramática normativa, para o desenvolvimento das habilidades, todos os professores afirmaram ser insuficientes os métodos que utilizam apenas de questões gramaticais para os estudos da língua. De acordo com a opinião dos professores, a respeito da gramática normativa não ser o único método para o ensino, notamos, a princípio, a prová-

¹ O Plano de Estudo Tutorado (PET) é uma ferramenta do Regime de Estudo não Presencial, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

vel mudança de postura dos docentes em relação à centralidade das regras e normas nas aulas de Língua Portuguesa.

Sobre a inserção e a ampliação dos estudos da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, todos os entrevistados concordaram sobre a importância de apresentar a variação linguística: 12,5% afirmaram que é fundamental considerar a variação linguística, entretanto centralizam o uso padrão da língua ao afirmar, por exemplo, em uma das respostas, que “(...) o domínio da língua portuguesa é o cartão de visita de qualquer profissional. É a partir da maneira como a pessoa se comunica, não só pela escrita, mas também pela fala, que somos capazes de saber a qualidade da educação recebida”; 12,5% afirmaram que é de suma importância trabalhar a variação linguística, contudo, expõem, como em uma das interações, que “(...) a padronização seja imprescindível apenas na escrita”. 37,5% concordam que os estudos sobre a variação linguística em sala promovem a compreensão de uma sociedade complexa, que se constitui por diferentes grupos sociais, possibilitando, assim, um olhar menos preconceituoso sobre a diversidade linguística e 37,5% destacaram a importância da variação, uma vez que por meio dela promove-se, opinião reforçada em uma das respostas, “(...) uma reflexão sobre a língua, entendendo que ela é mutável e que seu uso depende do contexto em que está sendo utilizada”.

Diante disso, constatamos que, apesar de afirmarem sobre a importância da variação nos estudos de Língua Portuguesa, muitos professores associam os fenômenos linguísticos como “uso incorreto por grande parte dos falantes”. Além disso, apresentam, segundo Faraco (2020), uma visão dicotômica entre fala e escrita quando afirmam que a padronização é imprescindível apenas na escrita, julgando que a fala e a escrita estão relacionadas, respectivamente, à informalidade e à formalidade da língua. O termo: “incorreto” e a associação da escrita à formalidade e da fala à informalidade revelam que, ainda, há professores que não compreendem a língua como “(...) atividade funcional, interativa, discursiva e interdiscursiva, como prática social situada e imersa na realidade cultural e histórica da comunidade” (ANTUNES, 2007, p. 157). Isso significa dizer que ainda há professores e instituições de ensino que relacionam o ensino do português à padronização da língua.

Referente às orientações sobre a diversidade da língua nos documentos de referência PCN e BNCC, 37,5% dos professores consideram insuficientes as abordagens presentes nesses documentos; enquanto 62,5% avaliam as propostas sobre os fenômenos linguísticos suficientes

e esclarecedoras. Apesar de a BNCC mencionar - nas competências específicas da área da Linguagem e nas competências específicas de Língua Portuguesa – que os fenômenos linguísticos são passíveis de reflexão, uma vez que português brasileiro são traços de um contexto sócio-histórico-cultural e passível de reflexões (BNCC, 2017), as habilidades a serem desenvolvidas não atendem às competências propostas. Com base, nesse resultado, notamos que a maioria dos professores tem conhecimento superficial sobre a proposta de ensinar a língua sob a perspectiva da Sociolinguística, o que o impede de compreender a heterogeneidade da língua é o reflexo de uma sociedade heterogênea.

Sobre as estratégias utilizadas para apresentar a diversidade linguística, 12, 5% dos docentes afirmaram utilizar livros adotados pela escola e outros suportes complementares, tais como: poema, piadas, músicas, filmes; enquanto 87,5 % declararam fazer uso dos livros didáticos adotados, de suportes complementares (poemas, piadas, músicas, filmes) e, também, das variedades apresentadas pelos alunos em sala de aula. Diante disso, observamos que – para tratar sobre fenômenos inerentes à língua – a maioria dos docentes considera as distintas possibilidades em sala, entre essas, as variedades usadas pelos alunos, entretanto há, ainda, aqueles que não atentaram para a importância de ensinar a língua a partir do contexto de uso.

Ao serem perguntados a respeito das propostas de atividades referentes aos fenômenos da variação linguística presentes nos livros didáticos adotados: 12, 5% afirmaram que as atividades disponibilizadas nos livros didáticos são suficientes para que o professor possibilite ao aluno “reflexões sobre os fenômenos da mudança e da variação linguística”, enquanto 87,5% consideram insuficientes, o que demonstra que parte significativa desses professores compreende que, para promover a reflexão a respeito da língua, não se pode considerar, apenas, as propostas presentes nos livros didáticos adotados.

Por fim, ao serem questionados sobre a necessidade de apresentar a variação linguística nos estudos de língua, 100% dos professores afirmaram a necessidade, já que, segundo eles, a variação e mudança (i) possibilitam um ensino de língua voltado para a construção da cidadania, uma vez que a maneira de falar de um indivíduo constituem elementos essenciais para expor a identidade cultural de um povo e (ii) permitem que o aluno compreenda os processos de transformação da língua, considerando a cultura e o contexto em que estão inseridos.

Diante da análise realizada, é importante destacarmos que o ensino da gramática normativa ainda permanece como ponto central em documentos norteadores, na visão de ensino de professores e em suas metodologias para o ensino do Português, entretanto, é possível percebermos que – mesmo de maneira tênue – a heterogeneidade da língua vem sendo percebida, considerada pelos docentes e apresentada aos alunos.

5. Considerações finais

À luz dos estudos que consideram os fenômenos da variação e mudança linguística como traço inerente à língua, o presente trabalho, ancorado na teoria sociolinguística, mostrou, a partir da análise do documento oficial, BNCC, dos livros didáticos adotados pelas escolas estaduais da cidade de Espinosa-MG e das entrevistas com os professores do referido município, que a variação linguística vem sendo, ainda de maneira superficial, considerada no ensino de Língua Portuguesa.

Na Base Nacional Comum Curricular, verificamos que se propõe em suas competências um olhar reflexivo sobre a diversidade da língua e vislumbra reconhecer as variedades como marca de identidade de uma sociedade heterogênea, entretanto as habilidades propostas – a serem desenvolvidas – se constituem apenas em apresentar a variação com fins de comparar e estabelecer a diferença entre norma padrão e não padrão do português brasileiro. Assim, notamos a falta de diálogo entre as competências, as quais são consideradas como essenciais para a organização da base, e as habilidades, o que impede a construção de aprendizagens alinhadas à formação reflexiva, crítica e consciente relacionada à língua portuguesa, especificamente ao português brasileiro e seus fenômenos linguísticos, os quais são tão presentes na fala dos falantes brasileiros.

Referente às propostas de atividades sobre a variação linguística presentes no livro didático da coleção supracitada, adotada pelas escolas estaduais da cidade de Espinosa-MG, observamos que há um alinhamento entre as propostas de atividades e as habilidades da BNCC. Importante destacarmos que esse diálogo entre a Base e a coleção adotada está associado às habilidades e às atividades que se limitam, apenas, a reconhecer a variação geográfica, identificar a variedade usada e comparar o uso formal do não formal da língua portuguesa. Reiteramos que, apesar de os boxes darem suporte, ocasionalmente, à atuação do professor em consonância as competências sobre as diversidades da língua, a falta de har-

monia entre as propostas de atividades presentes nos livros e as sugestões no boxe não permite a concretização de um olhar que contrapõe a estigmatização das variedades da língua como forma marginalizada e inferior.

Sob a ótica do professor do respectivo município a respeito de considerar os fenômenos da variação no ensino de Língua Portuguesa, constatamos que, apesar de considerarem a variação linguística ao contexto que o falante está inserido e a relação entre língua e sociedade, os docentes espinosenses ainda mostram ter um conhecimento superficial sobre a proposta sociolinguística, a qual considera a língua como reflexo de uma sociedade heterogênea.

Diante do exposto, nesse trabalho específico, pudemos verificar como a variação é tratada nos documentos oficiais e pelos profissionais formados em Letras e constatamos que a variação é mencionada de maneira superficial, o que mostra um distanciamento entre a teoria sociolinguística e as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula. Dessa forma, por meio das constatações realizadas nesse estudo, aparecem outros novos desafios para nós que compreendemos a importância de que os fenômenos linguísticos sejam estudados e refletidos à luz da variação e mudança linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2,8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-46

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 agosto. 2021.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-55

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 273-303

OLIVEIRA, T. A.; ARAUJO, L. A. M. *Tecendo linguagens: Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Ibep, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Outra fonte:

BASES por uma pedagogia da variação linguística. Conferência apresentada por Carlos Alberto Faraco: Abralín, 2020. 1 vídeo (1h 9min 15s). Transmitido ao vivo 15 de maio de 2020 pelo Canal Abralín. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>. Acesso em: 08 de agosto de 2021.